



Marilandi Maria Mascarello Vieira



Universidade Comunitária da Região de Chapecó
(UNOCHAPECÓ)

mariland@unochapeco.edu.br

Ivan Carlos Bagnara



Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

ivan.bagnara@erechim.ifrs.edu.br

Josimar de Aparecido Vieira



Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

josimar.vieira@sertao.ifrs.edu.br

ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR: O DIÁLOGO ENTRE O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO NA PRÁTICA DOCENTE

RESUMO

Este estudo analisa a atuação docente no Ensino Superior, levando em consideração o diálogo entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Constituído como pesquisa exploratória e descritiva, foi produzido seguindo abordagem qualitativa, acompanhada por um tratamento quantitativo. Contou com pesquisa bibliográfica e de campo envolvendo 84 professores atuantes no Ensino Superior que responderam um questionário com questões abertas e fechadas que trataram do perfil, da formação e trajetória profissional e atuação docente. As repercussões indicam que não há diálogo entre ensino, pesquisa e extensão na atuação do docente do Ensino Superior. Para superar esse problema será necessária a "instauração" de uma espécie de "crise de identidade" nos professores que atuam nesse nível de ensino para questionar a própria prática docente, a forma de organização dos processos de formação, o papel social da instituição de Ensino Superior e as formas de relação da sala de aula com os contextos sociais.

Palavras-chave: Ensino Superior. Formação de professores. Atuação docente.

TEACHER'S PERFORMANCE IN HIGHER EDUCATION: THE DIALOGUE BETWEEN TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION IN TEACHING PRACTICE

ABSTRACT

This study analyzes the teaching performance in Higher Education, taking into consideration the dialogue between teaching, research and extension. Constituted as exploratory and descriptive research, it was produced following a qualitative approach, accompanied by a quantitative treatment. It had bibliographic and field research involving 84 teachers working in Higher Education who answered a questionnaire with open and closed questions that dealt with the profile, education and professional trajectory and teaching performance. The repercussions indicate that there is no dialogue between teaching, research and extension in the performance of the higher education teacher. To overcome this problem, it will be necessary to "establish" a kind of "identity crisis" in teachers who work at this level of education to question the teaching practice itself, the way of organizing training processes, the social role of the Higher Education institution and the forms of relationship between the classroom and social contexts.

Keywords: Higher education. Teacher education. Teaching performance.

Submetido em: 15/05/2020

Aceito em: 24/08/2020

Publicado em: 30/12/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12nEsp2p232-246>



I CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Temos presenciado no Brasil, nos últimos anos, considerável expansão do Ensino Superior, tanto em número de instituições, sejam elas públicas ou privadas, como na facilidade do acesso por parte dos acadêmicos, seja pelo aumento do número de vagas, seja pelas facilidades de financiamento estudantil ou ampliação de bolsas de estudo e programas governamentais que garantem a gratuidade do ensino em instituições privadas. Acompanhando essa ampliação, as oportunidades de trabalho para professores interessados em atuar no Ensino Superior também aumentam.

Para se ter uma ideia mais clara sobre a expansão do Ensino Superior no Brasil nas últimas décadas, Almeida et al. (2012), em estudo com base nos dados do Censo da Educação Superior de 2009, quantificaram tal processo e chegaram aos seguintes dados.

Na década de 1990, o Brasil apresentava em seu sistema de ensino superior um total de 922 Instituições de Educação Superior (IES), com 6.644 cursos e 1.868.529 alunos matriculados. No ano 2000, o país apresentava um total de 1.180 IES, sendo 1.004 instituições privadas e 176 públicas. Em 2005, já eram 2.165 IES (89,3% instituições privadas) que ofertavam 20.407 cursos de graduação presencial. Atualmente, de acordo o Censo da Educação Superior de 2009, divulgado pelo Ministério da Educação em 2011, há um total de 2.314 IES, 28.966 cursos, 5.954.021 estudantes e 307.815 docentes. A oferta de cursos de graduação presencial e a distância está concentrada em instituições de caráter privado - 89,4% de instituições privadas (2.069) e 10,6% de instituições públicas (ALMEIDA, et al, 2012, p. 904-905).

Quase uma década após, no ano de 2018, o Brasil possuía 2.537 instituições que ofertavam os mais variados cursos superiores, sendo 11,8% de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e 88,2% de IES privadas. Estavam matriculados nessas instituições 8.450.755 estudantes, havendo um aumento substancial de cerca de 44,7% na última década, se comparado às 5.843.322 matrículas realizadas no ano de 2008 (BRASIL, 2019). No mesmo ano, foram oferecidas mais de 13,5 milhões de vagas em cursos de graduação (presenciais e na modalidade de Educação a Distância), das quais 72,9% configuravam-se como vagas novas e 26,9% remanescentes. Em 2008 havia 321.493 docentes no Ensino Superior e em 2018 este número aumentou para 384.474 mil docentes (BRASIL, 2019).

Independentemente do tipo de instituição, o trabalho docente no Ensino Superior, obrigatoriamente, necessita estar atrelado à função social da instituição. Para Souza e Silva (2010, p. 1), a função social das instituições de Ensino Superior é:

[...] gerar e difundir o saber, integrado na realidade social na qual estão inseridas, de modo a oferecer soluções às dificuldades apresentadas e garimpadas pela sociedade e pelos professores e alunos universitários, o que redundará na melhoria das condições de vida da população em geral.

Para Dias (2009, p. 17) “[...] a missão principal do ensino superior, hoje, é a de educar cidadãos, oferecendo-lhes um espaço permanente de aprendizagem de alto nível”. Entretanto, para garantir que a instituição de Ensino Superior desenvolva plenamente sua função social e se torne espaço de aprendizagem

de alto nível é necessário que haja indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, pensando essas dimensões geometricamente, como um tripé.

A partir do exposto e motivados por inquietantes dúvidas, neste estudo, procuramos responder aos seguintes questionamentos: como ocorre a atuação docente no Ensino Superior, levando em consideração o diálogo entre o ensino, a pesquisa e a extensão? As atividades de ensino, pesquisa e extensão possuem relação na atividade docente? Os professores do Ensino Superior utilizam a pesquisa e a extensão como ferramentas pedagógicas no desenvolvimento do ensino? Outras questões poderiam emergir a partir destas, ou até mesmo das respostas obtidas às questões apresentadas, porém, no âmbito deste texto vamos nos ater às mesmas.

A Constituição Federal traz, no art. 207 a seguinte redação: “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988).

Este princípio também encontra guarida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) que em seu art. 43 estabelece que a Educação Superior tem por finalidade, dentre outros aspectos, estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura; promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber por meio do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação e, promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. A lei determina, portanto, que as instituições de Ensino Superior devem atrelar suas atividades de formação superior aos processos de ensino, pesquisa e extensão. É esse tripé, portanto, que lhe confere identidade.

Corroborando com o descrito por Colares, Colares e Gomes (2009) que, com base nesta condicionante e também na compreensão de que a docência implica um conjunto de atividades que extrapola o que se pratica em sala de aula, pensamos que a docência no Ensino Superior deve incorporar o tripé constituinte de sua natureza. Sabemos que as exigências quanto a isso são maiores na Universidade, mas não podemos afirmar que as outras instituições de ensino devam limitar-se ao ensinar e ficam livres de tais obrigações, como citado anteriormente com as leis.

Ainda, partimos do pressuposto de que as três dimensões - ensino, pesquisa e extensão - não necessitam ocorrer em espaços e com objetivos totalmente distintos. Acreditamos que o ato de ensinar pode ocorrer, dentre outras formas, por meio de atividades de pesquisa e extensão como ferramentas pedagógicas. Pensamos que a pesquisa possa ser proposta a partir das atividades de ensino e, da mesma forma, a extensão pode iniciar com uma atividade de ensino, transformar-se numa ação de extensão e ter

seus resultados compilados em forma de pesquisa. Novamente concordamos com Colares, Colares e Gomes (2009) quando afirmam que a docência universitária não pode ser pensada somente como sinônimo de aula.

Diante dessas considerações, está constituído o teor deste artigo que se adensa na atuação docente no Ensino Superior, levando em consideração o diálogo entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Com esta perspectiva demarcada, sua estruturação se concentrou na conceituação de ensino, pesquisa e extensão adotada no âmbito deste trabalho, as relações que esse tripé possui com a atividade docente e a presença da pesquisa e extensão nas atividades de ensino que são desenvolvidas pelos professores do Ensino Superior. Por fim, são discorridas as considerações finais desse estudo.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Considerando seu propósito, este estudo se caracteriza como pesquisa exploratória e descritiva e foi desenvolvido seguindo abordagem qualitativa e dialética, acompanhada por um tratamento quantitativo, seguindo os movimentos e contradições próprios dos espaços educativos. Segue orientação no que Minayo (2002) salienta, ou seja, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Contou com pesquisa bibliográfica, que fundamenta e orienta o trabalho, e pesquisa de campo envolvendo uma amostra de 84 professores que atuam em universidades (públicas e comunitárias), institutos federais, centros universitários e faculdades.

Para a coleta dos dados foi utilizado questionário com questões abertas e fechadas, que trataram do perfil, formação e trajetória profissional, bem como questões relacionadas à atuação docente nas dimensões ensino, pesquisa e extensão.

Os dados coletados foram analisados por meio da estatística básica e pelo método de análise de conteúdo proposto por Navarro e Díaz (1994), que pressupõe o desenvolvimento de alguns processos: primeiramente foram detectadas unidades de registro claramente delimitadas; em seguida foram identificadas as unidades de contexto, que fornecem o marco interpretativo do método; como terceiro passo ocorreu a codificação das unidades de contexto, que tem como função contabilizar e relacionar as unidades de registro entre si até extrair algum significado; após a contabilização, as unidades foram categorizadas, ou seja, foram abstraídas semelhanças e diferenças significativas entre as unidades de registro e, para finalizar, focamos no nível semântico com intenção de identificar as “pegadas” que o professor deixou na superfície textual, permitindo a inferência de certas características.

Neste artigo são objeto de análise as respostas atribuídas em três questões contidas no questionário. A primeira questão, tabulada de forma estatística, está relacionada com a caracterização da atuação, onde o docente deveria optar por uma das alternativas disponíveis. As outras duas questões, a saber: “em sua atuação há relação entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão? Explícite” e, “você considera as atividades de pesquisa e de extensão em suas atividades de ensino?”, foram abertas e respondidas de acordo com a compreensão do docente. Para as duas questões abertas, o método utilizado foi a análise de conteúdo descrito anteriormente. Os dados estão expressos nos tópicos a seguir, sendo um para cada questão analisada.

3 CONCEITOS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Antes de adentrar na apresentação e discussão dos dados coletados, torna-se imprescindível conceituarmos a forma como compreendemos o ensino, a pesquisa e a extensão no âmbito deste trabalho, partindo da definição de educação e ensino apontada por Spohr (2006, p. 1):

[...] o ensino, que é instrução, se dirige ao intelecto e o enriquece. A educação visa os sentimentos e os põe sob o controle da vontade. Assim, pode-se adquirir um ótimo caráter de conduta com pouca instrução, o que já permite viver feliz. Por outro lado, pode ser cultivado, sem nenhuma educação, um péssimo caráter de conduta, que será tanto pior quanto mais instrução houver - é aqui que se enquadram todos os corruptos e grandes golpistas que tiveram muito ensino e pouca educação, e que nunca serão realmente felizes.

No que concerne ao papel do Ensino Superior em relação ao ensino e à educação, Dias (2009, p. 13) afirma que:

[...] o ensino superior é um instrumento essencial para se enfrentar com sucesso os desafios do mundo atual e para educar cidadãos que então podem construir uma sociedade mais aberta e mais justa, baseada na solidariedade, no respeito dos direitos humanos e na utilização compartilhada ou conjunta do conhecimento e da informação.

Lüdke (2001) afirma que a atividade de pesquisa é considerada recurso indispensável ao trabalho do professor e, nesse sentido, a quantidade de artigos veiculados em revistas especializadas em educação, abordando a ideia de professor-pesquisador tem crescido nos últimos anos. Porém, com relação à dificuldade de se tornar um professor pesquisador, Nunes (2008, p. 102) afirma que “[...] a implementação de uma nova estratégia de ensino que radicalmente difira daquilo que o professor está acostumado a fazer e que não seja condizente com sua história pessoal torna-se altamente improvável”. Isso significa que a trajetória de vida, incluindo, principalmente, o processo de formação do professor sugere a forma como ele desenvolverá sua atuação quando vir a se tornar professor. Essa torna-se uma barreira a ser ultrapassada quando temos intenção de nos tornarmos professores-pesquisadores.

Nunes (2008) aponta quatro vantagens educacionais em desenvolver a prática docente embasada na pesquisa, a saber: primeiramente essa habilidade possibilitaria a formulação de questões de pesquisa condizentes com o contexto da sala de aula, em vez de serem baseadas em suposições meramente teóricas. A segunda vantagem seria que estudos conduzidos em ambientes naturais, como a sala de aula, favorecem a generalização dos resultados. Como terceiro aspecto positivo, entende que os professores assumiriam maior responsabilidade por suas decisões pedagógicas, uma vez que estariam capacitados a identificar os procedimentos que surtiram melhores resultados e sob quais condições, e, finalizando, como quarta vantagem indica que o professor poderia utilizar métodos experimentais na sala de aula para avaliar os efeitos de um procedimento de ensino ou fazer comparações entre diferentes práticas. Esse tipo de análise poderia levar o professor a optar por práticas pedagógicas baseadas em resultados empíricos ao invés de modismos.

A extensão, que é imprescindível para a manutenção do tripé, é entendida por Sousa (2001) como o instrumento a ser realizado pela universidade para que se efetive o seu compromisso social, como articuladora de suas relações. Sendo assim, a extensão torna-se imprescindível quando pensamos em tornar mais próximo da sociedade os “produtos” e conhecimentos produzidos na instituição de Ensino Superior.

Nesse sentido, é elucidativo o posicionamento de Serrano (2013, p. 1) que afirma:

[...] pensar a universidade a partir de seus objetivos básicos de formação profissional, geração de novos conhecimentos e disseminação desses conhecimentos é um processo complexo face à natureza e diversidade do trabalho acadêmico. Inserida neste contexto está a extensão universitária, que apresenta uma diversidade conceitual e prática que interfere expressivamente no “pensar” e no “fazer” no interior da Universidade.

Pela conceituação atribuída a cada um dos aspectos, percebe-se que eles são complementares e quando o objetivo é a formação integral, o pensamento e o desenvolvimento dos mesmos, de forma fragmentada, comprometem tal processo.

Dessa forma, questionamos os participantes sobre como está caracterizada a atuação do professor no Ensino Superior e os dados foram os seguintes:

- a) 45,24% desenvolvem preponderantemente o ensino e, de forma parcial, a pesquisa e a extensão;
- b) 20,24% têm atuação pautada, preponderantemente no ensino e, parcialmente, na pesquisa;
- c) 15,48% afirmaram atuar somente com o ensino;
- d) 9,52% atuam preponderantemente com ensino e parcialmente na extensão;

e) 7,14% tem atuação pautada de outra forma, como atuação em ensino, pesquisa e extensão em igualdade, atuação nas três dimensões e ainda na gestão e atuação preponderantemente na pesquisa e parcialmente no ensino e extensão;

f) 2,38% atuam preponderantemente na pesquisa e parcialmente no ensino e nenhum atua preponderantemente na extensão e parcialmente no ensino ou pesquisa.

À primeira vista, os dados chamam a atenção, pois menos da metade dos professores atuam no ensino superior em acordo com o que prevê a legislação, ou seja, desenvolvendo as dimensões ensino, pesquisa e extensão e os dados não evidenciam se os que o desenvolvem, o fazem de forma indissociável.

Em que pesem as dificuldades em estabelecer essa indissociabilidade, a legislação, com todos os seus aspectos positivos e possivelmente alguns negativos, necessita ser seguida e, pensando em ensino de alto nível no âmbito superior, torna-se iminente reverter tal quadro, por isso, acreditamos que um processo de formação contínua global deveria ser implementado, dando subsídios aos professores para a articulação entre as três dimensões de forma indissociável, tornando-se ferramentas didáticas.

Com relação ao processo de formação dos docentes, Veiga (2005, p. 5-6) destaca:

[...] o professor, além de ser portador de diploma que lhe confere um conhecimento no âmbito de um campo científico, tem que dominar conhecimentos pedagógicos. É preciso que as instituições de ensino superior, além de apoiarem os programas de pós-graduação *stricto sensu*, ofereçam programas de formação continuada a seus docentes a fim de garantir a síntese entre titulação e bom desempenho. O *locus* adequado para o desenvolvimento desses programas de formação docente - tanto para a educação básica quanto superior - é na Faculdade de Educação. Fora desse espaço os programas de desenvolvimento profissional de docentes universitários tendem a desaparecer por falta de continuidade, pela dicotomia entre teoria e prática, ensino e pesquisa, científico e pedagógico, educação e trabalho, graduação e pós-graduação. A permanente formação e o desenvolvimento profissional não podem ocorrer de modo fragmentado e descontínuo.

Entretanto, temos de ter claro que o processo de formação é paulatino; é necessário planejamento, organização, e principalmente tempo, mas, quanto antes tal processo iniciar, mais cedo poderá apresentar resultados significativos. O que tem faltado, parece-nos, à primeira vista, é o estopim desencadeador de tal processo.

4 A RELAÇÃO ENTRE AS ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA ATUAÇÃO DOCENTE

No que se refere à relação entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão na atuação docente, categorizamos as respostas de acordo com as seguintes categorias: as atividades de ensino, pesquisa e extensão estão implícitas no fazer pedagógico; estão atreladas ao desenvolvimento de projetos/editais;

dificuldades de interligar/relacionar os três aspectos; maior relação entre o ensino e a pesquisa, com menor ou pouca relação com a extensão e, finalizando, os que não fazem relação entre os três aspectos.

A primeira categoria trata da concepção entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão no fazer pedagógico. Acreditamos que os professores que lançam mão dessa possibilidade na sua atuação docente estão potencializando e ampliando o processo de formação acadêmica e de produção do conhecimento entre e com seus acadêmicos.

As respostas dos professores pesquisados chamam a atenção pela forma como abordam os três aspectos de forma interligada.

Procuo trabalhar e desenvolver com o aluno em sala de aula pontos significativos para a aprendizagem, salientando a importância dos conteúdos que deverão estar presentes no tripé: o ensino – a sala de aula; a pesquisa – os conceitos, a justificativa, os teóricos, os experimentos e os resultados; e, a extensão – a união da práxis e da prática (PROFESSOR 08).

O professor 9 coloca que em sua concepção e na sua área de atuação “a pesquisa e a extensão devem complementar o ensino” e, seguindo esta linha de raciocínio, o Professor 17 afirma:

[...] procuro de forma permanente uma relação com a prática social em minhas atividades de ensino e pesquisa. Quando atuo na extensão me alimento da pesquisa e produzo pesquisa. Assim, a extensão alimenta a pesquisa, a qual alimenta a extensão. O ensino sempre que possível ocorre mediado pela pesquisa e pela extensão. Os acadêmicos são desafiados a compreenderem uma realidade específica e intervir nela. Os resultados destas intervenções são socializados em aula e se tornam produções escritas. [...] Fazemos extensão mediada pelo ensino. Fazemos pesquisa mediada pela extensão. Fazemos ensino mediado pela pesquisa e extensão.

Nesse sentido, Veiga (2005) afirma que a indissociabilidade aponta para a atividade reflexiva e problematizadora, pois permite a articulação entre componentes curriculares e projetos de pesquisa e de intervenção, levando em conta que a reflexão da realidade social exige o emprego de uma pluralidade metodológica que foge do alcance de uma única disciplina. A pesquisa e a extensão, indissociadas da docência, necessitam interrogar o que se encontra fora do ângulo imediato de visão. Veiga (2005, p. 2-3) afirma que “[...] não se trata de pensar na extensão como diluição de ações - para uso externo - daquilo que a universidade produz de bom. O conhecimento científico produzido pela universidade não é para mera divulgação, mas é para a melhoria de sua capacidade de decisão”.

No momento em que as atividades, principalmente de pesquisa e extensão, ficam reguladas por editais ou por projetos específicos (segunda categoria), acreditamos que muitos acadêmicos possuem seu processo formativo prejudicado, afinal, somente alguns - geralmente os que possuem disponibilidade de tempo -, participam tanto das atividades de pesquisa quanto de extensão. O professor 28 afirma que a “fragmentação dessas dimensões produz um processo de formação muitas vezes equivocada”. Corroboramos a ideia do mesmo, principalmente quando muitos acadêmicos não cumprem os requisitos exigidos nos editais de pesquisa das instituições a que estão vinculados.

Porém, esta é uma prática comum à medida que as instituições de Ensino Superior atrelam suas atividades de pesquisa e extensão a editais específicos e que geralmente fornecem algum tipo de financiamento/bolsa para os participantes. Em nosso entendimento, tal prática deixa a administração das dimensões pesquisa e extensão somente à instituição, e que poderíamos, enquanto professores, lançar mão da pesquisa e da extensão como ferramentas didáticas no fazer pedagógico e não permitir que somente editais e projetos regulem a utilização de tais aspectos no Ensino Superior.

As dificuldades em relacionar os três aspectos são configuradas como terceira categoria e encontram respaldo na fala do Professor 19, que afirma: “as atividades de pesquisa e extensão, na maioria das vezes, dependem do empreendedorismo e da atitude dos docentes”. Corroborando, o Professor 21 coloca que quando há tal relação, ela ocorre por interesse do professor, principalmente em se tratando de professores horistas, que não possuem tempo para tal. Da mesma forma, o Professor 75 aborda que a “carga horária em sala de aula não deixa espaço para a pesquisa e extensão”.

As respostas dos professores transmitem a ideia de fragmentação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, e, na verdade, entendemos que os três aspectos deveriam estar imbricados no fazer pedagógico, na atuação docente diretamente com os acadêmicos nas atividades de ensino, nas atividades de “sala de aula” e que, quando isso ocorre, é por mérito exclusivo do docente, que empreende tal atitude educativa. Tal ponto merece destaque, afinal é assim que concebemos o tripé do Ensino Superior: lançando mão da pesquisa e da extensão das atividades de ensino, utilizando-as como ferramentas didáticas, como recursos pedagógicos.

A quarta categoria trata da maior relação entre o ensino e a pesquisa, com menor ou pouca relação com a extensão. Tal categoria pode ser ilustrada com a resposta do professor 14, que afirma “desenvolver algumas ações de pesquisa, que seriam durante os planejamentos das aulas e propor trabalhos de pesquisa para os alunos”. O professor 44 que afirma que há “maior relação entre ensino e pesquisa. Extensão, praticamente ausente”.

Esses discursos sugerem alguns questionamentos: qual a dificuldade existente para se pensar a extensão como uma ferramenta didática? Por que motivo a extensão é relegada a planos inferiores, quando comparada com o ensino e a pesquisa, sabendo que a mesma deveria ocupar espaço semelhante nas atividades docentes? Especulativamente, pode-se citar a fala do Professor 34, que menciona a existência de menor *status* institucional dos conhecimentos advindos da extensão. Outra explicação pode ser a pouca vivência, pelo professor, de atividades de extensão quando em seu processo de formação superior, conforme Moita e Andrade (2009, p. 273) que, ao tratar da formação universitária, afirmam:

[...] a ênfase, em muitos casos compreensível, atribuída naturalmente à pesquisa, deveria realçar ainda mais as possibilidades de articulação com o ensino e a extensão – e não contribuir para a dissociação entre os fazeres que constitucionalmente fixam a identidade da universidade no Brasil. Em decorrência disso, a extensão termina por ser relegada a um lugar secundário na pós-graduação, contribuindo para práticas de pesquisa e ensino dissociadas da realidade.

.Na contramão da legislação, a quinta categoria agrupa os professores que não estabelecem relação entre as três dimensões, reduzindo-se ao ensino, repassando a ideia de “professor aulista”, considerado por Costa (2008) como o transmissor de conhecimentos, aquele que usa a tecnologia apenas para substituir a aula expositiva e que não articula a pesquisa ou a extensão porque o conteúdo é o aspecto central da aula.

Nessa perspectiva, outros professores atribuem ao regime de trabalho a causa da não atuação nas três dimensões: “atuo como horista, não possuo horas destinadas à pesquisa e extensão” (Professor 53). De certa forma, contrapondo tal opinião, o Professor 60 afirma ser “possível alinhar as três áreas, desde que o professor elabore atividades que se complementem e extrapolem as fronteiras da sala de aula”.

Pensamos da mesma forma que o Professor 60, pois acreditamos que o ensino, a pesquisa e a extensão devem estar indissociados no fazer pedagógico, independente de editais, projetos, publicações, regime de trabalho, quantidade de horas/aula, dentre outros fatores. Enquanto professores do Ensino Superior acreditamos que é possível pensar os conteúdos e temas do componente curricular numa perspectiva que contemple as três dimensões, sendo este mais um paradigma educacional a ser superado.

Dando sequência à tentativa de compreensão do fazer pedagógico ou da atuação docente do professor do Ensino Superior pelo viés da indissociabilidade no tripé do Ensino Superior, abordaremos as atividades de pesquisa e extensão e sua consideração/utilização nas atividades de ensino, ou seja, como o professor lança mão das atividades de pesquisa e extensão nas atividades de ensino em na sala de aula.

5 A PRESENÇA DA PESQUISA E DA EXTENSÃO NAS ATIVIDADES DE ENSINO

Quando o tema extrapola as questões de ordem conceitual e adentra na utilização/presença propriamente dita da pesquisa e da extensão nas atividades de ensino, a análise do conteúdo das respostas dos professores nos permitiu destacar quatro categorias, analisadas a seguir.

A primeira categoria se refere aos professores que consideram a relação dos três aspectos importantes para a formação acadêmica e as utilizam como ferramentas de ensino em suas atividades. Para melhor exemplificar, o Professor 5 afirma: “utilizo as mesmas como ferramentas de ensino, buscando diversificar a condição de aprendizagem, relacionando a necessidade da aplicação e da difusão do conhecimento que adquirimos pelo ensino”. Nessa mesma linha de raciocínio o Professor 19 afirma: “considero muito. Apesar do pouco tempo na docência de Ensino Superior, já pude perceber que muitos acadêmicos vão assimilar os conteúdos quando da realização de atividades de pesquisa e extensão. Elas servem de suporte à teoria da sala de aula”.

A afirmação do Professor 52 é ainda mais contundente, pois considera a pesquisa e a extensão “como propulsoras de constantes questionamentos e capazes de redimensionar as ações de ensino”. Essa opinião é ampliada pelo Professor 71 que afirma: “ao trabalhar os conteúdos em aula, você dá vida, ressignifica-os com problematizações da pesquisa e vivências da extensão”.

A segunda categoria está relacionada aos professores que consideram somente a pesquisa em suas atividades de ensino. O Professor 49 justifica a utilização da pesquisa, principalmente porque ela fundamenta a prática docente. Num sentido mais prático, o Professor 15 afirma que: “durante as atividades de ensino, procuro utilizar, na medida do possível, as pesquisas realizadas durante o mestrado e também procuro propor aos alunos atividades de pesquisa durante o semestre”. O Professor 17 afirma que em suas aulas “sempre há a exigência da pesquisa como forma de aprender e como forma de produção da ciência”.

O FORGRAD (2004, p. 31), traz que o ensino como pesquisa “[...] aponta para o verdadeiro domínio dos instrumentos nos quais cada profissão se expressa, em seu próprio processo evolutivo”. A importância da pesquisa parece-nos que se justifica por si só. Porém, uma grande preocupação nesse sentido não se dá por usar somente a pesquisa, mas muito mais, por negligenciar a extensão.

Dada a importância que a extensão possui no Ensino Superior, Serrano, (s/n) afirma que a extensão universitária apresenta uma interface entre o saber produzido no interior das universidades com a cultura local e desta com a cultura universitária. A extensão inicia uma trajetória para transformação da sociedade, transforma-se a si mesma e transforma sua relação com o ensino e a própria pesquisa.

A fala do Professor 34 resume, em parte, o sentimento de muitos professores, com relação ao ensino, a pesquisa e a extensão dos que atuam no Ensino Superior:

[...] o ensino, a pesquisa e a extensão são necessariamente o tripé que sustenta uma universidade, mas o que se observa na prática é a não valorização igualitária destas três dimensões. Sinto a extensão como desprestigiada por alguns docentes da universidade como se ela gerasse conhecimentos de menor valor (*status*) institucional.

Ainda há uma parcela de professores, que constituem a terceira categoria, que não considera a relação entre os três aspectos - atividades de pesquisa e extensão em suas atividades ligadas ao ensino. O Professor 02 diz “não considero por não estar participando de nenhuma atividade de pesquisa e extensão”.

Isso se constitui grande preocupação, pois como já expresso, a legislação prevê a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e os dados desta pesquisa evidenciam que isso ocorre parcialmente, tendo em vista que muitos professores sequer consideram a relação entre os três aspectos em sua atuação docente.

Finalizando a categorização do tema, a quarta categoria trata dos professores que destacaram a importância dos três componentes, mas expressaram respostas num patamar conceitual/de concepção,

sem entrar em detalhes sobre como isso ocorre nas atividades de ensino. Devido aos dados inconclusos, esta categoria não foi objeto de aprofundamento nesta análise.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Cabe ao docente atuante, promover o desenvolvimento das competências profissionais interativas, associativas e socialmente responsáveis, e para isso acontecer é imprescindível articular o ensino, a pesquisa e a extensão” (PROFESSOR 55).

Esta fala retrata ideia determinante quando se tem como intenção repensar a prática docente, pois trata de um professor atuante. Nesta condição entendemos aquele profissional comprometido com o sistema educacional, ou seja, o professor que busca, apesar das poucas horas de contratação ou com muitas horas de trabalho, articular nas aulas o conhecimento proveniente das três dimensões, aquele que, enfrentando todas as dificuldades, surpreende com um ensino inovador, dinâmico, atraente, questionador, reflexivo e que expressa diferentes formas possíveis de se produzir o conhecimento.

Não temos intenção de responsabilizar o professor pelas dificuldades, mas entendemos que o professor aulista obrigatoriamente necessita se atualizar, compreender que essa forma de ensinar não está condizente com a função social de uma instituição de Ensino Superior e que impreterivelmente fere a legislação.

Franco (2009, p. 24) afirma que “[...] nem todos os professores da Universidade, que trabalham e militam na pesquisa, com a pesquisa, conseguem transformar o espaço de ensino, a sala de aula, em espaço de pesquisa coletiva”. Nesse momento, ampliamos o exposto, estendendo à extensão. Obviamente, é correto que, a partir disso, outro questionamento possa emergir: como podemos transformar o espaço de ensino (sala de aula) em oportunidades de pesquisa coletiva e promotor de extensão?

Parece-nos que o mais adequado é um investimento em formação continuada, dado que o professor do Ensino Superior necessita do aporte de formações complementares. Muitos sequer possuem pós-graduação *stricto sensu*, o que pode comprometer a sua atuação docente. Obviamente, cursar mestrado ou doutorado não é garantia de que ocorrerá a indissociabilidade referida no fazer pedagógico, mas poderá contribuir para o fortalecimento dos laços do professor, pelo menos com a pesquisa, que se torna uma obrigatoriedade para a conclusão do curso.

Entendemos que, atualmente, na docência do Ensino Superior, os dados apontam que não se verifica a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A atribuição a tal afirmação reside na trajetória acadêmico-profissional que reflete na atuação docente da maioria dos professores que atuam no Ensino Superior, ou seja, a maioria vivenciou, nos processos de formação, unicamente o ensino e o reproduz aos estudantes. A pesquisa fica limitada ao Trabalho de Conclusão de Curso e a extensão torna-

se uma prática restrita a poucos acadêmicos que possuem disponibilidade de condições para participar de projetos de tal cunho.

Para que ocorra de fato (e não somente de direito, já que a lei “exige”) a referida indissociabilidade, acreditamos ser necessária a “instauração” de uma espécie de “crise de identidade” nos professores do Ensino Superior. Crise para questionar a própria prática docente (muitas vezes centrada na forma expositiva do conteúdo); questionar a forma de organização dos processos de formação no Ensino Superior desde a graduação até a pós-graduação; refletir acerca do papel social da instituição de Ensino Superior e as formas diretas de relação do “laboratório” (sala de aula) com os diversos contextos sociais. Esse processo, a nosso ver, conduziria para uma ressignificação da práxis pedagógica e poderia “(re)constituir” o ser docente e, conseqüentemente, sua atuação docente, aí sim, pautada pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Dado o mérito do tema, espera-se que o presente estudo, por suas limitações, estimule novas investigações, dando continuidade às análises sobre a temática, que pode incluir investigações com professores que atuam na docência do ensino superior, abordando-se sobre seus posicionamentos diante da relação ensino, pesquisa e extensão, tripé que deve configurar a identidade das universidades brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.; MARINHO-ARAUJO, C. M.; AMARAL, A.; DIAS, D. Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior: uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. **Avaliação (Campinas)**, v. 17, n.3, p. 899-920, 2012.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso: 03. jul. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/19394.htm>. Acesso em: 03. jul. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 13.jul.2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018**: notas estatísticas. Brasília, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/centso-da-educacao-superior>. Acesso em? 04.mai.2020.

COLARES, A. A.; COLARES, M. L. I. S.; GOMES, M. A. O. A docência na universidade: em defesa da indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão. In: BRASIL, W. **Educação superior e desenvolvimento**: contextos e abordagens. Curitiba (PR): CRV, 2009.

DIAS, M. A. R. A universidade no século XXI: do conflito ao diálogo de civilizações. In: BRASIL, W. **Educação superior e desenvolvimento**: contextos e abordagens. Curitiba (PR): CRV, 2009.

FORGRAD, Plano Nacional de Graduação: um projeto em construção. In: FORGRAD. **Resgatando espaços e construindo ideias**. 3. ed. ampl. Uberlândia: Edufu, 2004.

FRANCO, M. A. S. Prática docente universitária e a construção coletiva de conhecimentos: possibilidades de transformação no processo ensino-aprendizagem. **Cadernos de pedagogia universitária** n 10. USP, São Paulo, 2009.

LÜDKE, M. O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação & Sociedade**, v. XXII, n. 74, p. 77-96, abr. 2001.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MOITA, F.M.G.S.C; ANDRADE, F.C.B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p.269-393, maio/ago. 2009.

NAVARRO, P.; DÍAZ, C. Análises de contenido. In: DELGADO, J. M.; GUTIÉRREZ, J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciências sociales**. Madrid: Síntesis, 1994.

NUNES, D. R. P. Teoria, pesquisa e prática em educação: a formação do professor-pesquisador. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.34, n.1, p. 97-107, jan/abr. 2008.

SOUSA, A. L. L. Concepção de extensão universitária: ainda precisamos falar sobre isso? In: **Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SOUZA, J. M. O.; SILVA, A. O. A representação do ensino, pesquisa e extensão para os alunos e professores por meio da associação livre de palavras. **Revista Ibero-americana de Educação**, v.3, n. 52, p. 01-12, 2010.

SPOHR, A. A diferença entre ensino e educação. **Gazeta Zero Hora**, Porto Alegre, 17 out. de 2006. Disponível em: <https://academiadux.wordpress.com/2013/10/04/a-diferenca-entre-ensino-e-educacao-zero-hora-2006/>. Acesso em: 14. maio. 2020.

SERRANO, R. M. S. M. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**. Grupo de Pesquisa em Extensão Popular, v. 13, n. 8, 2013.

VEIGA, I. P. A. Docência Universitária na Educação Superior. **VI Simpósio promovido pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais "Anísio Teixeira" (INEP)**. Brasília, DF: 2005.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

VIEIRA, Marilandi Maria Mascarello; BAGNARA, Ivan Carlos; VIEIRA, Josimar de Aparecido. Atuação do professor no ensino superior: o diálogo entre o ensino, a pesquisa e a extensão na prática docente. *Debates em Educação*, Maceió, v. 12, p. 232-246, dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10215>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

American Psychological Association (APA)

Vieira, M., Bagnara, I., & Vieira, J. (2020). Atuação do professor no ensino superior: o diálogo entre o ensino, a pesquisa e a extensão na prática docente. *Debates em Educação*, 12(Esp2), 232-246. doi: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12nEsp2p232-246>